

Disputa interna provoca crise na CPI

A proximidade de uma sentença do relator Roberto Magalhães (PFL-PE), que pode concluir na próxima semana o relatório parcial dos envolvidos no inquérito do



Orçamento, provocou um crise na CPI. "O dia de hoje (ontem) deve merecer uma reflexão, pois dizem que estamos divididos e partidários", propôs o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), na abertura ontem pela manhã, da reunião interna da comissão. A partir daí, deputados e senadores consumiram quatro horas de discussão na tentativa de definir regras universais de procedimento, incluindo as novas convocações — mas esbarraram no corporativismo e no choque de interesses partidários e não tiveram sucesso.

"Um parlamentar não pode andar atrás de relator pedindo coisas. Há que ter mais cerimônia", desabafou Magalhães durante a reunião, num protesto contra as pressões dos curiosos e dos caciques da política que insistem em proteger seus filhos ou liderados. Ele não tem dúvidas de que há "uma nítida campanha" para desestabilizar a CPI. "Chegamos ao ponto mais crítico da CPI", resumiram a um só tempo o senador Passarinho e seu vice na presidência da CPI, Odacir Klein (PMDB-RS). Entre vozes exaltadas e até palavrões, o deputado Fernando Freire tentava manter a serenidade: "Este clima tenso já era esperado. É a ansiedade da reta de chegada".

Sem avanço — Desde a divulgação dos documentos da construtora Norberto Odebrecht, na

CARLOS MOURA



Passarinho e Elcio Álvares: vazamentos e pressões causam luta na CPI

semana passada, demonstrando a ligação entre parlamentares e empreiteiras nas negociações de verbas orçamentárias, a CPI não conseguiu avançar suas investigações. Ontem mesmo, após a tensa reunião da manhã, ela voltaria a reunir-se à noite para novo exame dos disquetes encontrados na casa do diretor da Odebrecht em Brasília e para definir as novas

convocações. Os disquetes levaram à nova discussão. É que eles continham nomes de 15 governadores e cerca de 40 parlamentares que defendiam obras de interesse da Odebrecht. A idéia de divulgar esses nomes provocou a discussão: enquanto alguns queriam simplesmente expô-los, outros argumentavam que não havia qualquer interesse escuso, pois os

governadores e parlamentares apenas desejavam obras para sua região e sequer sabiam qual a empreiteira que as executaria.

"Não haveria esta histeria se a CPI não tivesse chegado ao poder econômico, aos corruptores", avaliou o petista José Genoíno (PT-SP). Ele está certo de que o episódio Roseana quebrou o clima de confiança na CPI, onde prevalecem as suspeitas de um acordo entre o grupo Sarney e o PT, já de olho na CPI da CUT.

Preocupado, o líder do PDT na Câmara, Luiz Salomão (RJ), começou a se articular com o PMDB, PSDB e PT para tentar definir os rumos da comissão. "Eu já conversei com o senador Pedro Simon (PMDB-RS) e nós concluímos que a CPI está perdida, enredada em suas próprias pernas", contou o deputado, convencido de que a decisão de atrelar as subcomissões para o cruzamento de dados está emperrando ainda mais os trabalhos.

Descontrole — A perplexidade tomou conta dos membros da CPI, mesmo após a explosão do presidente Jarbas Passarinho (PPR-PA), um dos responsáveis pela distensão dos momentos de maior pressão, com seu notável senso de humor (ver abaixo). Na mesma reunião da briga de Passarinho e Anibal Teixeira, outros dois parlamentares também protagonizaram um acalorado bate-boca. O senador Pedro Teixeira (PP-DF) acusou o deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) de ter vazado informações dos disquetes da Odebrecht, que estão sendo analisados pela CPI. Mercadante não se conteve. De pé, com o envelope com as informações nas mãos, gritou: "Se eu fosse o autor dos vazamentos, teria divulgado também o que está aqui dentro desses envelopes, que é muito mais grave do que o que foi publicado", reagiu Mercadante, entregando os documentos para Jarbas Passarinho.